



X Fórum Nacional NEPEG de Formação de Professores de Geografia

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

EDUCAÇÃO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: DESAFIOS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

Bárbara Moisés Nunes
Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão
E-mail: bmoisesnunes@gmail.com;

Maria Edna Silva de Sousa Gomes
Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão
E-mail: edna73agomes@hotmail.com;

Paulo Henrique Kingma Orlando
Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão
E-mail: phorlando@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir a Educação e o ensino de Geografia no ensino regular, considerando a trajetória histórica de sua inserção. Para se alcançar os objetivos propostos recorreu-se à revisão bibliográfica de autores consagrados na questão. O estudo se divide em seções. Primeiramente, antes de adentrar nas especificidades da Educação, há uma preocupação de situar o leitor no que se refere aos fundadores do pensamento geográfico, trazendo informações referentes a transformação da educação tradicional em educação crítica. Em seguida, na segunda seção, ao abordar o desafio do geógrafo/professor para trabalhar as práticas pedagógicas de forma interdisciplinar, atenta-se à realização de reflexões sobre a responsabilidade na formação de uma nova consciência transformadora e a importância da construção da identidade profissional. E por fim, na terceira seção busca-se analisar a relação entre a Educação e o ensino de Geografia no âmbito escolar, que tem um papel importante neste processo. Nos dias atuais, diante das exigências da sociedade é necessário que o professor pense em sua formação, ou seja, inicial e contínua. É preciso uma reelaboração constante da teoria com suas experiências práticas vivenciadas nos contextos escolares, ou seja, aquele que sempre reflete na e sobre a prática. Nossa perspectiva é que a partir de um conhecimento amplo desta relação se terá ações eficazes na tentativa de contribuir para uma inserção crítica eficaz no problema das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Formação de professores; Ensino crítico; Identidade profissional.

Introdução

O texto aborda o tema da Educação com a perspectiva de junção com o ensino de Geografia, tendo como eixo de reflexão os desafios para construção de uma nova educação e formação da identidade do professor. Essa preocupação de transformação da educação tradicional em educação crítica começou a partir dos anos de 1960 a 1997 com os fundadores do pensamento geográfico marxista. A partir dessa década sobressaiu a ideia de que os professores devem ser profissionais crítico-reflexivos.

Contudo, apesar do reconhecimento da importância da Educação e o ensino de Geografia estarem presentes em todos os níveis e modalidades do ensino regular do país, as práticas realizadas nas maiorias das instituições ainda não conseguiram cumprir com as propostas normativas de atividades críticas com abordagem politizada sobre os problemas da sociedade, tendo sido ainda, infelizmente resumidas a atividades de cunho acrítico, que reduzem tais problemas a questões apenas superficiais, não englobando também aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos.

Nesse sentido, o texto diz a respeito estes desafios encontrados pelo o professor frente às configurações socioespaciais contemporâneas e a responsabilidade na formação de uma nova consciência transformadora, e a importância de uma construção da identidade profissional. Portanto, é fundamental considerar a importância do compartilhamento das experiências e a construção das identidades, além, do desafio de conseguir trabalhar as práticas pedagógicas de forma interdisciplinar.

Para se alcançar os objetivos propostos realizou-se revisão bibliográfica com leitura reflexiva nos textos de autores já consagrados nessa questão como LIBÂNEO, CAVALCANTI, PIMENTA e MORAES que deram subsídio para as análises feitas.

O pensamento geográfico: um percurso histórico até o surgimento da Geografia Crítica

Ao longo do tempo o pensamento geográfico se torna mais consistente com os alemães, Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter, fundadores da chamada Geografia Tradicional, já no século XIX. Com eles surgiram, os pressupostos da ciência geográfica, abrindo caminho para mais estudiosos, como Friedrich Ratzel, Karl Ritter e outros.

Para Humboldt, a Geografia era uma síntese de todos os conhecimentos relativos à terra, e propunha um empirismo raciocinado, tendo uma visão focada na proposta de totalidade, procurando abarcar todo o globo; já Ritter, apresenta uma proposta regional (valorizando a relação homem-natureza) e antropocêntrica (o homem é o sujeito da natureza). O mais importante é que os estudos posteriores se remetem às suas formulações, sejam para aceita-las ou refutá-las.

Outro autor alemão que merece destaque no desenvolvimento do pensamento geográfico é Friedrich Ratzel, em outro contexto, ele vivencia a implementação do Estado Nacional, e elabora o conceito de “Espaço Vital” uma teoria de equilíbrio entre a população de uma sociedade e os recursos disponíveis, um determinismo ambiental acreditando que as condições naturais determinam o comportamento humano.

Em oposição aos postulados de Ratzel, a França se destaca no pensamento geográfico, com Paul Vidal de La Blache, que tem um tom mais liberal, diferente do autoritarismo alemão. La Blache, traz a ideia de que o homem é o principal agente geográfico, já que a natureza apresenta as possibilidades, por isso sua teoria é chamada de Possibilismo. Moraes (1981), destaca que seu método era empírico dedutivo:

[...] Vidal, mais do que Ratzel, hostilizou o pensamento abstrato e o raciocínio especulativo, propondo o método empírico-indutivo, pelos quais só se formulam juízos a partir dos dados da observação direta, considera-se a realidade como o mundo dos sentidos, limita-se a explicação aos elementos e processos visíveis (MORAES, 1981, p. 25).

Diante das várias críticas, e do novo contexto mundial, a partir de 1950 já se começa a pensar novas metodologias e objetos, surgindo então novas correntes no pensamento geográfico. A que se destaca é a Nova Geografia. Esta se desenvolveu em países como Suécia, Grã-Bretanha, mas foi nos Estados Unidos que obteve grande destaque. Na Nova Geografia ou Geografia Quantitativa, o significado de natureza é explicada a partir de modelos matemáticos, assim como a relação homem-meio é subsidiada por um aparato científico e tecnológico.

Segundo Moraes (1981), esta concepção refere-se ao conjunto de ideias e de abordagens que começaram a se difundir desenvolvendo uma diversidade de vertentes, como Geografia teórica, quantitativa, Pragmática. A palavra “nova” enfatiza que a Ciência Geográfica precisava superar o método descritivo, a unidade e as dicotomias da Geografia

Tradicional. À teoria geográfica não cabe somente o saber se localizar, demarcar e mapear o espaço.

Percebe-se então, o que acontece é uma reformulação dos parâmetros anteriores, ou seja, a Geografia a serviço do sistema vigente, atendendo as necessidades de um novo contexto, um neopositivismo e uma Geografia feita pelos números desenvolvendo tecnologias de intervenção do real. Segundo Moraes (1981), é mais uma maneira de dominação do Estado. Esta mensuração acaba por não atingir a sociedade em real, assim a Nova Geografia, o neopositivismo acabam obtendo críticas tão contundentes quanto às da Geografia Tradicional:

[...]A Geografia vidalina fala da população, de agrupamento, e nunca de sociedade; fala de estabelecimentos humanos, não de relações sociais; fala das técnicas e dos instrumentos de trabalho, porém não de processo de produção. Enfim, discute a relação homem-natureza, não abordando as relações entre os homens. É por esta razão que a carga naturalista é mantida, apesar do apelo à História, contido em sua proposta (MORAES, 1981, p. 26).

A ação opositora a Nova Geografia ganha força em meados de 1970. O Pensamento Geográfico, a partir de então, é marcado por uma postura crítica, frente à Geografia existente, seja a tradicional ou a pragmática. A insatisfação se fez consistente com o método analítico-descritivo e com a postura política adotada pela Geografia desde o positivismo.

A Geografia deve ser pensada para uma transformação da realidade social, como um instrumento de libertação do homem, assumindo o conteúdo político de conhecimento científico. Assim, surge a Geografia Crítica, com outros adjetivos que caracterizam esta corrente, como a Geografia Radical e a Geografia Marxista. No Brasil, o surgimento da Geografia Crítica, tem destaque com Milton Santos que desenvolve seus estudos pautados no materialismo histórico de Marx, e dialogando com David Harvey e Henry Lefebvre.

Dentro da corrente da Geografia Crítica, é ressaltada duas linhas que se destacaram e que conceberão a natureza de forma diferenciada. A primeira linha é a marxista, que tem grande predominância nas décadas de 1970 e 1980, pela incorporação de suas teorias e conceitos. Logo, a segunda linha de pensamento é a Geografia Humanística, calcada no existencialismo e na fenomenologia, valorizando a subjetividade, os sentimentos.

Desencadeando mais adjetivos e ampliando a corrente, aparecem a Geografia Comportamental e da Percepção. Os geógrafos dessa corrente se interessam por estudos de

significados e valores, que estão além do sentido estático de espaço-tempo. Enfim, surge uma conscientização de que a Geografia é uma ciência social, que deve se comprometer com as lutas de classes, e aos geógrafos cabe direcionar seus estudos para as questões que abarquem o ser humano e seu meio.

A Geografia, pois, deve trazer contribuições para uma sociedade melhor, como dizia Milton Santos, “o mundo é formado não apenas pelo que já existe, mas pelo que pode efetivamente existir”. Avançando um pouco mais na complexidade dessa vertente, na próxima seção será destacado alguns desafios encontrados pelo o professor perante as configurações socioespaciais na contemporaneidade.

Os desafios do geógrafo/professor frente às configurações socioespaciais contemporâneas

O grande desafio do geógrafo é construir um ensino que permita compreender melhor nosso lugar e outros lugares, ou seja, que permita transformar. Tanto o professor, tanto o bacharel, quanto o cidadão do mundo estão imbricados, porque a luta por um mundo melhor perpassa pela escola, pela rua, no cotidiano, nas redes sociais na postura que cada um tem diante do mundo, na formação de uma nova consciência transformadora, como afirma Cavalcanti (2011):

[...]. Em relação às particularidades da maior parte dos cursos de Geografia, pode-se afirmar que eles formam prioritariamente profissionais para atuarem no ensino (pois a demanda por essa modalidade profissional é maior), mas, nas expectativas idealizadas e na prática de professores que formam esses profissionais, e também dos alunos, a perspectiva de formação é a do profissional pesquisador, planejador, técnico. Há, então, uma mesma racionalidade fundamentando a formação dos profissionais, qualquer que seja sua modalidade, bacharelado ou licenciatura (CAVALCANTI, p.5, 2011).

Vemos então a dificuldade que o professor enfrenta de transformar um conteúdo difícil em um conteúdo de fácil compreensão, ao se deparar na sala de aula que a teoria é diferente da prática. Posto isto, surge a necessidade que o professor tenha uma educação continuada de qualidade para saber preparar o aluno para a interpretação, pois, muitas vezes na visão de muitos profissionais é válido somente o produto final, ou seja, a resposta correta/decorada, ignorando a importância do processo ensino-aprendizagem eficaz.

Além disso, a escola deve ser, sem dúvida utilizada como um espaço de transformação, por isso, cabe aos professores serem profissionais crítico-reflexivos, pois há uma demanda do mercado e da sociedade por um profissional competente e capacitado para agir neste espaço escolar, o qual, além dos avanços da informática, tem diferentes realidades sociais.

[...]. Portanto, há demanda da sociedade, e não só do mercado, por um profissional competente, com atuação/inserção efetiva na realidade, com maior nível de escolarização, utilizando tecnologias de informação, trabalhando em equipe, em redes, dominando o conhecimento contemporâneo de forma integradora e produzindo novos conhecimentos, resolvendo problemas e propondo soluções inovadoras, com compromisso ético na sua profissão e na vida social (CAVALCANTI, p. 4, 2011).

Nesse sentido, a autora também ressalta a importância de trabalhar com a interdisciplinaridade, utilizando o termo “trabalhando em equipe” para receber e compartilhar novos conhecimentos de forma integradora para desenvolvimento de práticas sociais e inovadoras. Isto significa dizer que no ambiente escolar o professor deve buscar agir em parceria com os colegas de outros campos disciplinares, no intuito de fazer melhor o ensino-aprendizagem como um todo.

Nesta perspectiva, é muito importante que o docente construa a sua identidade profissional, para isso, os conteúdos devem estar vinculados à realidade da escola e às vivências dos alunos. A identidade profissional se constrói através de tudo aquilo que foi vivenciado, vitórias e derrotas em todos os âmbitos da vida, como aquele professor com quem mais se identificou e marcou sua vida. Pimenta (1997), clarifica esta ideia:

[...]. A identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas, é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão de professor, como as demais, emerge em dado contexto e momento históricos, como resposta a necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade. Assim, algumas profissões deixaram de existir e outras surgiram nos tempos atuais. Outras adquirem tal poder legal, que se cristalizam a ponto de permanecerem com práticas altamente formalizadas e significado burocrático. Outras não chegam a desaparecer, mas se transformam adquirindo novas características para responderem a novas demandas da sociedade. Este é o caso da profissão de professor. Essas considerações apontam para o caráter dinâmico da profissão docente, como prática social. É na leitura crítica da profissão, diante das realidades sociais, que se buscam os referenciais para modificá-la. (PIMENTA, p.6, 1997).

De acordo com Pimenta (1997), uma identidade profissional se constrói ao longo das experiências vividas, através da significação social da profissão, da revisão constante de seus próprios valores e do que eles representam no contexto atual, ou seja, se faz interessante fazer uma reflexão sobre sua própria prática: Será que posso melhorar? Essa aula foi satisfatória ou não? Enfim, estar constantemente fazendo uma leitura crítica de si mesmo e da profissão.

Neste mundo contemporâneo, ensinar exige mais do que conhecimento exige uma construção do humano, é um processo de humanização de ambas as partes, tanto para o professor quanto para o aluno, na perspectiva da inversão do quadro atual que se tem grande quantidade de escolas e pouca qualidade no ensino, o objetivo é contribuir para uma inserção social crítica e transformadora, é nesta ideia que surge a junção da Educação e o ensino de Geografia, que será abordado na próxima seção.

Educação e o ensino de geografia: conceitos e princípios

Buscaremos agora analisar a intrínseca relação entre a Educação e o ensino de Geografia no âmbito escolar. Considerando que este elo seja as noções sobre os temas envolvidos nelas, partiremos dos conceitos básicos do que seja educação. Segundo Carlos José Libâneo, a educação

[...] compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal. (LIBÂNEO, 2001, p. 7).

O autor define a educação como “relação ativa com o meio natural”, isto quer dizer que a ciência pedagógica reconhece como fator crucial na formação do ser humano a adequada relação com o meio ambiente, ou seja, inclui todos os aspectos da vida. Ainda seguindo o pensamento deste autor, ao considerarmos a educação como um processo, estamos declarando que ao longo dos anos e dos acontecimentos esse processo sofreu alterações em sua forma.

Essas alterações refletem direto na função pedagógica e no processo educativo. Vale lembrar que o processo educativo não acontece só no espaço escolar, mas também pode

acontecer em várias esferas da sociedade, inclusive na esfera familiar. Porém, salientamos que a esfera educacional que estamos abordando aqui é a esfera escolar ou da educação formal. Primeiramente, entendemos que é a Pedagogia que estuda sistemicamente a educação em si e as relações sociais como resultado deste ato. Sobre este conceito da Pedagogia, Libâneo escreveu:

[...] Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola (LIBÂNEO, 2001, p. 6).

No que diz respeito a essa pedagogia escolar apontada por Libâneo, é possível notar contradições nos termos Educação e Pedagogia, dificuldades surgidas do despreparo profissional e múltiplos problemas existentes dentro de uma instituição de ensino, seja ela pública ou privada. Essas dificuldades podem estar não somente nos conteúdos e cronograma escolar adotados, mas também em fatores como tempo de aula, posicionamento político da instituição, entre outros.

Dessa forma, para muitos estudiosos da educação seria impossível abordar os problemas pedagógicos sem tocar também na questão das políticas públicas e sua relação com o sistema socioeconômico vigente. Os autores Libâneo, Oliveira e Toshi (2009, pag. 32) percebem a necessidade de se instaurar a compreensão do processo político a que o ato de educar está ligado, os autores abordam que:

[...] o sistema de ensino e as escolas, particularmente, precisam contribuir significativamente para a construção de um projeto de nação e, portanto, para a formação de sujeitos capazes de participar ativamente desse processo (2009, p. 33).

Percebemos assim, que alguns autores são enfáticos no que se refere ao papel das escolas e das políticas públicas como fundamentais na construção de uma nação mais justa. Desta forma, o desafio deste século é o de compreender o ensino da Geografia como lugar de se redefinir os espaços socioeconômicos e assim contribuir para uma inserção crítica eficaz no problema das desigualdades sociais.

Para tanto, faz-se mister reavaliar o ensino da Geografia e o papel que o professor desempenha na sala de aula. Não falta ao licenciado dessa área, conhecimento da realidade e das trajetórias traçadas para se chegar à realidade atual, e muitos tentam da forma que podem despertar nos alunos a quem lecionam essa capacidade de avaliar os acontecimentos históricos e cotidianos sob uma perspectiva mais crítica.

Entretanto, há que se levar em conta, como afirma Pimenta (1997), que o professor independente da disciplina deve ser um profissional dinâmico, atualizado e em constante construção para que consiga atender as exigências da sociedade contemporânea, não ficando restrito a concepções ultrapassadas ou mesmo utópicas, recheadas de um idealismo que muito mais aliena do que contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Reavaliar seu papel diante da sociedade e mesmo seu desempenho enquanto professor são premissas básicas para uma boa formação/atualização profissional, mas investir em conhecimento prático na forma de tecnologias, ampliar os horizontes num julgamento mais realista do mundo e estar atento às mudanças dentro e fora da sala de aula tem se tornado fundamental na atualidade.

Considerações finais

Na contemporaneidade, diante das exigências da sociedade é necessário que o professor pense em sua formação, ou seja, pense em uma formação inicial e contínua. É preciso de um entendimento que a formação implica em auto formação, uma reelaboração contínua da teoria com suas experiências práticas vivenciadas nos contextos escolares, aquele que constantemente reflete na e sobre a prática.

Assim sendo, a Educação e o ensino de Geografia têm um papel importante neste processo, pois é a partir de um conhecimento amplo desta relação que se terá ações eficazes na tentativa de contribuir para uma inserção crítica eficaz no problema das desigualdades sociais. O professor de Geografia deve ter, pois como objetivo não se contentar em ser apenas mais um repetidor de conteúdo ou um crítico ácido do sistema econômico vigente, sem, contudo, avaliar o quão impensável é desconstruí-lo ante todos os desafios que se impõem nesse estágio em que se encontram as sociedades.

Nesse viés, cabe ao professor ousar, ser criativo na perspectiva de tornar as aulas mais prazerosas, melhorando a relação ensino-aprendizagem e trabalhando a interdisciplinaridade,

enfim, sempre em um processo constante de construção da identidade profissional, buscando adaptar sua própria visão e perspectiva de mundo, dentro do que é possível no contexto, conduzindo seus alunos a pensar nos problemas sociais, econômicos e culturais, mas principalmente em como solucionar, minimizar ou mesmo conviver com eles.

Referências

- CAVALCANTI, L.S. O lugar como espacialidade na formação do professor de geografia: breves considerações sobre práticas curriculares. **Educação e Geografia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 01-18, jul. / dez. 2011.
- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**. Curitiba, n 17, p. 153-176. Ed. UFPR, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estruturas e organização**. São Paulo: Cortez editora, 2009.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia, pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- PIMENTA, S.G. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. v. 3. São Paulo: **Editora Nuances**, 1997.